

DOIS POEMAS

Refluiu como tenazes abertas
e trazia a palavra protegida
na alçada do braço indicador.
O vento pendia-lhe da força
conseguida, tal o impulso com que balanceava
a pronúncia dos sons incomodados.
O latir dos cães já no prolongar das estrelas
mais pareciam pedaços de escárnio
onde não havia lugar para a presença
singular. A cidade estava encostada
no seu adormecer de criança, só
aqui e ali incomodada pelos piores
dos bandos em fuga: apenas
restavam algumas luzes de néon
a inundar de sorrisos o que por definição
estava mudo. Onde os cordéis agarrados
ao tempo, aprisionando-o,
na senda do construtivismo imaginoso
da colmeia! Mantinha-se o ritmo conseguido
indiferente à curiosidade das pessoas alheias
e de fora, e o corpo continuava protector
como um tecto de telhas de alumínio.
Continuavam a refluir mas
agora braços de gente tacteando as esquinas,
como se um grito procurassem
entre as pernas duma mulher.



Esperava-te e já o sol
se movimentava preguiçosamente.
como uma cidade inteira à procura do seu lugar
no espaço ainda adormecido. Caía
um leve suor da noite, um perspassar de
odores a sexo como em todos os instantes
em que os amantes da madrugada
se percorriam com a agilidade nervosa
dum tremor. Quatro silvos de angústia,
um encolher as costas no ombral
ainda escuro da arcada mais alta,
a interrogação a pairar como uma
névoa em viagem: era tudo,
tudo quanto me acompanhava
enquanto o tempo te não trazia
para o sempre provisoriamente último
gesto de despedida.